

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

**A IMPORTÂNCIA DO AGRONEGÓCIO PARA O BRASIL**

**Francisco Barbosa**

Sócio Presidente – IPADES

**Emeleocípio Andrade**

Diretor Técnico – FUNAGRI

O termo agronegócio, *agribusiness* em inglês, foi definido pelos pesquisadores John Davis e Ray Goldberg na Universidade de Harvard, nos EUA, em 1957. O conceito envolve o conjunto de todas as cadeias produtivas de origem animal e vegetal e seus diferentes segmentos, posicionados a jusante (fornecedores de insumos) e a montante (unidades de transformação, processamento, distribuição, comercialização e consumidor final) das áreas de produção, os quais interagem com os ambientes institucionais públicos (pesquisa, ensino, fomento, assistência técnica, etc.) e organizacionais privados (sindicatos, cooperativas, bancos, etc.). Todos, interagindo de forma integrada, ofertam os diferentes produtos que alimentam o mercado globalizado, onde os padrões de consumo tornam-se progressivamente rigorosos e, com a força da exigência dos consumidores finais, estabelecem as normas que regulam e alteram os requisitos exigidos, de acordo com os interesses desse segmento, hoje constituído de um sentimento muito mais requintado de consciência ambiental e sócio-político.

**DESENHO ESQUEMÁTICO DE UMA CADEIA PRODUTIVA**



De acordo com a Organização para Alimentação e Agricultura - FAO (sigla em inglês) das Nações Unidas, o mundo possui desafios enormes em relação à produção de alimentos e de energia, devido ao incremento da renda, da taxa de urbanização e do seu crescimento populacional. Essas variáveis resultam no aumento da demanda por esses bens, especialmente nos países emergentes e os em desenvolvimento. Para que a população mundial tenha acesso aos alimentos, a oferta mundial precisará aumentar em 70% até 2050. Diante disso, a demanda global por grãos e óleos vegetais destinados à alimentação humana e animal e a produção de energia deverá ser elevado em 1,52 bilhão de toneladas, o que leva a concluir que o mundo precisará produzir mais grãos e óleos vegetais neste período do que se produziu nos últimos dez mil anos.

Nesse contexto, o Brasil é, reconhecidamente, uma potência na produção de grãos, fibras, carnes e biocombustíveis e na geração e difusão de conhecimento e tecnologia do setor. A competitividade do agronegócio nacional é revelada por meio da tecnologia empregada no campo, da eficiência da produção, do sistema de crédito rural oficial e privado, e da presença de empresas nacionais e globais bem estruturadas e de grande porte. O País é um dos *players* mais importantes na agricultura mundial, competindo em igualdade de condições com países de clima temperado, de grandes áreas agrícolas e com larga experiência acumulada sobre agricultura.

Para a economia brasileira o agronegócio é de fundamental importância devida sua participação no PIB, na balança comercial e nos empregos gerados. De 2000 a 2010 sua evolução foi responsável por 22% da geração de riqueza do País, o que representou um montante de R\$ 917,65 bilhões (CEPEA, 2012). Essa riqueza deu-se a partir da produção de *commodities* agrícolas, como soja, milho, café, laranja, açúcar, álcool, celulose, papel, além de carnes (bovina, suína e frango) e couro.

As exportações do agronegócio brasileiro em 2013 somaram US\$ 99,96 bilhões, crescimento de 4,3% em relação ao mesmo período de 2012, e representou 41% no total das exportações, segundo dados da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SRI/MAPA).

Os produtos oriundos da Agricultura somaram, em 2012, US\$ 104,59 bilhões. Sendo que os de origem animal somaram US\$ 21,68 bilhões e os de origem vegetal US\$ 78,68 bilhões. O saldo da balança comercial do agronegócio foi US\$ 82,91

bilhões, enquanto que para os demais setores produtivos da economia, o saldo foi negativo em US\$ 80,35 bilhões. O superávit da balança comercial brasileira, de US\$ 2,56 bilhões, deveu-se, desse modo, ao agronegócio (FGV, 2013).

Deve-se reconhecer que a incorporação de 204 milhões de hectares de Cerrado à agricultura brasileira, deveu-se, em grande medida ao desenvolvimento de produtos e processos tecnológicos adaptados ao bioma tropical, a qual revolucionou a economia primária do País, a partir do início da década de oitenta. Por outro lado, o século 21 é de igual importância histórica, visto que a Biotecnologia pode trazer profundas contribuições e mudanças para o setor agrícola do Brasil e do mundo. O Brasil, líder mundial na pesquisa agrônômica tropical, com base nas tecnologias biológicas, não pode perder o foco e o interesse observado nessa área, a partir dos anos de 1970.

Também, no cultivo de frutas, destinadas à exportação, o País vem obtendo resultados promissores. Uva, manga e melão são os produtos que lideram a pauta de exportação com um valor de US\$ 910 milhões, o qual foi 50% superior às exportações de 2011. A banana (673 mil ton.) apresenta maior dispersão e maior área plantada. A uva (1,56 milhões de ton.) e maçã (1,4 milhões de ton.) se destacam em termos de aplicação de sofisticada tecnologia (BRASIL, 2013). Outro avanço tecnológico importante é o caso das películas invisíveis e comestíveis – à base de amido de milho ou proteína de soja – que protegem os alimentos e substituem os plásticos utilizados para envolvê-los antes da comercialização. Com essa técnica, os alimentos podem ser colhidos maduros, e não ainda no processo de maturação, levando os agentes comerciais a utilizarem processos de amadurecimento forçado por agentes catalisadores, com o objetivo de aumentar seu tempo de consumo.

Concomitantemente vem ocorrendo o processo de internacionalização das empresas. A integração nas cadeias de valor e a dinâmica da indústria de alimentos no Brasil têm acompanhado o processo global de concentração, frente aos aportes em infra-estrutura e o acesso aos canais de distribuição no âmbito global.

Essa pujança do agronegócio está diretamente relacionada aos ganhos expressivos na produtividade, nas escalas de produção e na melhoria da gestão, no entanto, nem tudo são flores. Há desafios de outra ordem a serem vencidos e que se arrastam há décadas, como a falta de infra-estrutura, em especial logística, diante dos modais de transportes pouco eficientes, dos portos sem competitividade, do sistema

tributário, em especial o ICMS interestadual confuso e impactante, bem como da carência de unidades receptoras, secagem e armazéns.

E a Amazônia nesse contexto? Tem um exemplo a seguir, o estado de Mato Grosso, mas os desafios são do tamanho da região. Além dos já citados, outros merecem especial atenção como a regularização fundiária caótica, licenciamento ambiental burocratizado e lento, um maior investimento e amplitude na pesquisa agrônômica, florestal e ecológica e melhor estruturação das cadeias produtivas. Grande extensão de áreas antropizadas podem ser reutilizadas para pecuária, grãos, frutas, dendê, seringueira, sucoenergética, e a florestal, desde que disponibilizadas as condições adequadas para tal. Estes são bons indicadores de que a região pode e deve aproveitar o agronegócio como segmento indispensável ao desenvolvimento.

De acordo com a FAO, a área com potencial de uso para agricultura no mundo é de 1,39 bilhão de hectares, para atender a demanda mundial por alimentos, fibras e energia. Deste total, a América do Sul e a África, localizadas no *tropical belt* do globo terrestre possuem 50,0% (695 milhões de hectares) e 44,6% (621 milhões de hectares), respectivamente.

Diante desse cenário, o agronegócio nacional apresenta sólida capacidade potencial para expansão do conhecimento e a replicação de modelos nas políticas de cooperação internacional, considerando-se a experiência na produção de alimentos em condições tropicais, os aspectos de sustentabilidade no âmbito ambiental, social e econômico e as especificidades de cada país.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Projeções do Agronegócio: Brasil 2012/13 a 2023**. Assessoria de Gestão Estratégica, Brasília: MAPA/ACS, 2013. 96 p.

CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA-ESALQ-USP.

FGV. Fundação Getúlio Vargas – Centro de Agronegócio.